

ANÁLISE DE GÊNEROS DO DISCURSO NA TEORIA BAKHTINIANA: ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Rosângela Hammes Rodrigues*

Resumo: Após a década de noventa, vimos o aumento significativo das pesquisas em torno dos gêneros do discurso na área da Linguística Aplicada, impulsionadas pela consolidação da mudança do objeto de ensino e de aprendizagem de línguas (materna e estrangeira). No Brasil e em outros países, as concepções teóricas de Bakhtin têm sido retomadas e citadas por muitas dessas pesquisas, mas, muitas vezes, com efeitos de interpretação e apropriação diversos. Neste trabalho, tem-se por objetivo discutir algumas questões teóricas e metodológicas na análise dos gêneros do discurso a partir das concepções teóricas de Bakhtin. Aborda-se a concepção de gênero e sua relação com outros conceitos centrais, tais como ideologia, enunciado, texto, discurso e língua. Nas questões metodológicas, problematizam-se a relação do pesquisador com os dados, a “ordem” metodológica no estudo dos gêneros e o uso de categorias prévias de análise no estudo de um determinado gênero.

Palavras-chave: gêneros do discurso; análise de gênero; Bakhtin.

1 INTRODUÇÃO

A noção de *gênero* tornou-se objeto de interesse e pesquisa no contexto escolar e acadêmico, em especial na área da Linguística Aplicada.¹ Assim, o estudo dos gêneros de um modo geral, a descrição de gêneros, a discussão e a proposição de projetos pedagógicos para o ensino da leitura e da produção textual ancorados nos gêneros têm aflorado, muitas vezes, com concepções teóricas e terminologias idênticas, em outras, diversas.

Nesse emaranhado, seria ingênuo crer que quando essas pesquisas discutem a noção de *gênero* estejam falando do mesmo objeto teórico. Como no

* Professora da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. E-mail: hammes@cce.ufsc.br.

¹ Entretanto, além dos estudos de gênero na área de Linguística Aplicada, lugar acadêmico onde me situo, também pode-se observar os gêneros como objeto de investigação em outras áreas da Linguística, como na Linguística Textual.

caso da noção de *língua*, não se está diante de um conceito homogêneo, mas de distintas concepções, alicerçadas em correntes teóricas diversas, ou não. Além disso, tem-se a problemática das diferentes leituras e “apropriações” dessa noção pelos pesquisadores e os próprios objetivos da pesquisa. Por exemplo, em relação aos objetivos de pesquisa, os estudos antropológicos sobre os gêneros apresentam motivações diferentes dos da Linguística Aplicada. Por último, pode-se discutir inclusive os termos em circulação, *gêneros do discurso* e *gêneros textuais*, que, num olhar mais atento das configurações teóricas e metodológicas, podem mostrar-se como não equivalentes. Aliás, mesmo o uso do termo *gêneros do discurso* em diferentes pesquisas não é garantia de que os seus autores estejam falando do mesmo objeto.

No caso dos estudos de gênero no Brasil, Bakhtin tem sido um dos autores mais citados, inclusive por pesquisadores que, grosso modo, situam-se em vertentes teóricas mais ou menos próximas às concepções daquele autor. No conjunto de pesquisas que tomam os estudos bakhtinianos sobre os gêneros como referência, pode-se observar essa diversidade conceitual e terminológica mencionada.²

Neste trabalho, tem-se por objetivo discutir algumas questões teóricas e metodológicas no estudo e análise dos gêneros na perspectiva teórica bakhtiniana. Nas questões teóricas, aborda-se a concepção de gênero e sua relação com outros conceitos centrais desenvolvidos pelo autor e o seu círculo, tais como ideologia, enunciado, texto, discurso e língua. Nas questões metodológicas, problematizam-se a relação do pesquisador com os dados, a “ordem” metodológica na investigação dos gêneros e aborda-se a problemática dos conceitos advindos da linguística e das categorias prévias de análise na pesquisa de um dado gênero.

² Rojo, em **Gênero do discurso e gêneros textuais**: questões teóricas e aplicadas (inédito), faz uma análise de toda essa problemática da variação terminológica e conceitual nas pesquisas que tomam os trabalhos de Bakhtin como referência teórica.

2 QUESTÕES TEÓRICAS: A NOÇÃO DE GÊNERO DO DISCURSO

A partir da leitura do conjunto dos escritos de Bakhtin e do seu círculo,³ percebe-se que a problemática da noção dos gêneros do discurso encontra-se contemplada em grande parte dos seus trabalhos: a defesa do romance como um gênero literário; os gêneros intercalados como uma das formas composicionais de introdução e de organização do plurilingüismo no romance; a abordagem do romance polifônico em Dostoiévski; o destino do discurso literário ligado ao destino dos gêneros; o estudo da cultura e dos gêneros da praça pública da Idade Média e do Renascimento para a análise da obra de Rabelais; o papel e o lugar dos gêneros nos estudos marxistas da linguagem; os gêneros como uma das forças sociais de estratificação da língua (uma das forças centrífugas); a problematização da noção dos gêneros nos estudos literários formalistas; o alargamento da noção dos gêneros para todas as práticas de linguagem e não só as do domínio da arte; a defesa da constituição sócio-histórica e, portanto, ideológica dos gêneros e da língua; e a relação dos gêneros com a noção de enunciado.

Entretanto, ao mesmo tempo em que a dimensão conceitual dos gêneros aparece como uma constante na obra do autor, a terminologia é flutuante. Como responder a essa problemática? Duas considerações podem ser feitas. A primeira é respaldada nas próprias palavras de Bakhtin, a sua “predileção” pela variação terminológica, mas que não resulta na falta de unidade conceitual.

La compilación de mis artículos que se planea se unifica mediante un mismo tema en diversas etapas de su desarrollo.

La unidad de la idea en el proceso de generación y desarrollo. De aquí cierto carácter inconcluso *interno* de muchas de mis ideas. [...] Mi predilección por las variaciones y por heterogeneidad de los términos en relación con un solo fenómeno. La multiplicidad de enfoques. La aproximación de lo lejano sin señalar los eslabones intermedios. (BAKHTIN, 1985d, p. 377-378)

³ Neste trabalho não se discutirá a polêmica da autoria de alguns dos trabalhos publicados por Voloshinov e Medvedev, que integravam o grupo de estudos de Bakhtin durante um determinado período, mas atribuídos a este autor por muitos pesquisadores. Em primeiro lugar, por não ser o meu objetivo neste texto; em segundo, porque se a autoria jurídica é diversa, a intelectual pode ser considerada convergente, uma vez que os grandes fundamentos teóricos desenvolvidos naqueles textos também são encontrados nos de Bakhtin, alguns dos quais escritos antes dos assinados por Voloshinov e Medvedev. Portanto, a menção aqui adotada será como a teoria de Bakhtin. Na citação de textos assinados por aqueles autores, a indicação será feita na referência, de acordo com as normas adotadas pelo tradutor.

Aqui chega-se à primeira consideração. No conjunto da sua concepção social e dialógica da linguagem e do sujeito, Bakhtin, ao longo do seu percurso teórico, ora lança mão de uma terminologia já existente, ora procura cunhar novos termos, optando, no texto *El problema de los géneros discursivos* (1985b), pelo termo já existente, *gêneros do discurso*, mas ressignificando-o.

A segunda consideração a ser feita, sem dúvida, refere-se à heterogeneidade das próprias traduções. Bakhtinianamente, se cada leitor ao interpretar um enunciado o faz a partir do seu horizonte sócio-ideológico e discursivo, isso pode muito bem ser observado nas traduções, em que pesa e transparece, muitas vezes, a formação teórica do tradutor. Esse é outro fator que amplia a diversidade terminológica, mas que é alheio ao trabalho de Bakhtin, decorrente das diversas traduções de um mesmo texto para diferentes (ou não) línguas e/ou culturas.

A problemática da heterogeneidade terminológica (resultante do processo de trabalho do autor e, principalmente, dos problemas de tradução), de um lado, e a unidade conceitual, de outro, podem ser observadas, a título de exemplificação, em dois textos, escritos em períodos diferentes: *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN [VOLOSHINOV], 1988; VOLOSINOV, 2000) e *El problema de los géneros discursivos*,⁴ escritos em 1929-1930 e 1952-1953, respectivamente.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, a discussão dos gêneros pode ser identificada nas três partes de que a obra é composta: na discussão da importância dos problemas da filosofia da linguagem para o marxismo em seu conjunto; na discussão do problema da natureza real dos fenômenos lingüísticos; e no estudo do discurso citado como lugar para se observar o processo de apreensão ativa do discurso do outro. Segue uma citação retirada da primeira parte do livro, na tradução brasileira e na de língua inglesa.

⁴ Embora exista uma tradução brasileira desse texto e de outros que compõem o livro *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 1997b), traduzido do francês por Maria Ermantina Pereira, em razão dos problemas de tradução que esse livro apresenta, que não se limitam apenas ao termo **gêneros** *discurso*, optei por citar a tradução de língua espanhola, feita diretamente do russo por Tatiana Bubnova. Uma análise dos problemas de tradução do livro citado encontra-se em Castro (1997). Atualmente, há uma nova tradução em vias de publicação no Brasil, feita diretamente do russo por Paulo Bezerra (informação pessoal deste tradutor).

As relações de produção e a estrutura sócio-política que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos de comunicação verbal derivam tanto as **formas** como os **temas dos atos de fala**.⁵

A psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente inicial dos *atos de fala* de toda espécie, e é neste elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e, no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face às realidades da vida e aos acontecimentos do dia-a-dia, o discurso interior e a consciência auto-referente, a regulamentação social, etc. A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da “enunciação” sob a forma de **diferentes modos de discurso**, sejam eles interiores ou exteriores. Este campo não foi objeto de nenhum estudo até hoje. Todas estas manifestações verbais estão, por certo, ligadas aos demais tipos de manifestação e de interação de natureza semiótica, à mímica, à linguagem gestual, aos gestos condicionados, etc.

Estas **formas de interação verbal** acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social. [...]. Mais tarde, em conexão com o problema da enunciação e do diálogo, abordaremos também o problema dos **gêneros lingüísticos**. A este respeito faremos simplesmente a seguinte observação: cada época e cada grupo social têm seu repertório de **formas de discurso** na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo **gênero**, isto é, a cada **forma de discurso social**, corresponde um grupo de temas. Entre as formas de comunicação [...], a **forma de enunciação** [...] e enfim o tema, existe uma unidade orgânica que nada poderia destruir. *Eis porque a classificação das formas de enunciação deve apoiar-se sobre uma classificação das formas da comunicação verbal.* (BAKHTIN [VOLOSHINOV], 1988, p. 42-43)

Production relations and the sociopolitical order shaped by those relations determine the full range of verbal contacts between people, all the forms and means of their verbal communication – at work, in political life, in ideological creativity. In turn, from the conditions, forms, and types of verbal communications derive not only the **forms** but also the **themes of speech performances**.

⁵ Os grifos em itálico são do autor, os em negrito são meus.

Social psychology is first and foremost an atmosphere made up of multifarious *speech performances* that engulf and wash over all persistent forms and kinds of ideological creativity: unofficial discussions, exchanges of opinion at the theater or a concert or at various types of social gatherings, purely chance exchanges of words, one's manner of verbal reaction to happenings in one's life and daily existence, one's inner-word manner of identifying oneself and identifying one's position in society, and so on. Social psychology exists primarily in a wide variety of forms of the "utterance", of little **speech genres** of internal and external kinds – things left completely unstudied to the present day. All these speech performances, are, of course, joined with other types of semiotic manifestation and interchange – with miming, gesturing, acting out, and the like.

All these **forms of speech interchange** operate in extremely close connection with the conditions of the social situation in which they occur and exhibit an extraordinary sensitivity to all fluctuations in the social atmosphere. [...]. Later on, in connection with the problem of the utterance and dialogue, we shall again touch upon the problem of **speech genres**. For the time being, let us take note at least of the following. Each period and each social group has had and has its own repertoire of **speech forms** for ideological communication in human behavior. Each set of **cognate forms**, i.e., each behavioral **speech genre**, has its own corresponding set of themes. An interlocking organic unity joins the form of communication [...], the **form of the utterance** [...] and its theme. Therefore, *classification of the forms of utterance must rely upon classificaton of the forms of verbal communication*. (VOLOSINOV, 2000, p. 19-21)

Como se pode perceber, há flutuação terminológica em uma mesma tradução e na comparação das duas. Na tradução brasileira, encontramos os termos *formas dos atos de fala, diferentes modos de discurso, formas de interação verbal, gêneros lingüísticos, formas de discurso, gêneros, formas de discurso social, formas de enunciação*. Na inglesa, *forms of speech performances, speech genres, forms of speech interchange, speech forms, cognate forms, forms of the utterance*. Considerada a diferença causada pelas traduções, pode-se observar ainda a diversidade terminológica: ora tem-se o uso do termo *gêneros (do discurso)* (que aparece mais na tradução na língua inglesa: *speech genres*), ora a presença de outros termos, como *formas de discurso social* e *formas de enunciação* ou *formas do enunciado*. Entretanto, apesar dessa variação dos termos, nota-se a unicidade da abordagem, ou seja, da

apresentação conceitual. No capítulo de onde se extraiu a citação, intitulado *A relação entre a infra-estrutura e a superestrutura*, o autor, entre outros aspectos, discute a relação recíproca entre as relações sociais, a ideologia e a linguagem. No trecho citado, aborda a formação dos gêneros da atividade humana, os gêneros primários, a partir das ideologias não formalizadas (chamadas, em outras partes do livro, de ideologias do cotidiano); e a relação entre as formas de comunicação social (as diferentes esferas sociais) e a forma dos enunciados (os gêneros), destacando que uma classificação dos gêneros deve se apoiar sobre uma classificação das formas da comunicação verbal. Em síntese, o autor ressignifica a noção de gêneros do discurso, retirando-a do domínio da arte e de uma abordagem formal, para introduzi-la no seio das relações sociais e articulá-la às situações de interação social das diferentes esferas da comunicação social (as esferas da comunicação cotidiana e as das ideologias formalizadas e sistematizadas: artística, científica etc.).

El problema de los géneros discursivos, manuscrito inacabado publicado em 1979, após a morte de Bakhtin, é o texto em que o autor focalizou a sua atenção para a questão dos gêneros como objeto central de análise. Próprio ao pensamento do autor, nesse trabalho, ele não busca construir definições fechadas de gênero, nem elaborar tipologias, salvo a distinção que estabelece entre o que denomina de gêneros primários e secundários (discutida a seguir); a observação de que a ausência de uma classificação “bem pensada” dos gêneros do discurso segundo as esferas da práxis também contribui para a incompreensão da natureza genérica (de gênero) dos estilos; e a crítica que tece aos autores que infringem o requerimento lógico principal de uma classificação (nesse caso, está discutindo os estudos no domínio da estilística): a sua unidade de fundamento.

Como em outros textos, há a eleição de um objeto temático, que é problematizado a partir da análise que faz dele nas diferentes teorias e, depois, articulado no conjunto da sua teoria sócio-histórica e dialógica da linguagem e do sujeito (outro exemplo de semelhante tratamento metodológico encontra-se no livro *Marxismo e filosofia da linguagem*: a discussão acerca da noção da língua vista no interior das diferentes correntes da lingüística e na perspectiva bakhtiniana). Pode-se dizer que seu objetivo não era o de construir aparatos, modelos teóricos fechados, mas o de levantar discussões, propor desenvolvimento teóricos em construção, abertos às diferenças históricas. Essa sua postura pode ser observada inclusive na titulação de muitos de seus trabalhos: *O problema*

do conteúdo, do material e da forma na criação literária; Problemas da poética de Dostoiévski; El problema del texto en la lingüística, la filología y otras ciencias humanas. Ensayo de análisis filosófico (grifos meus).

No texto em análise (*El problema de los géneros discursivos*), Bakhtin salienta que quanto aos estudos de gêneros já realizados, o problema geral dos gêneros do discurso jamais fora posto em questão. Na Literatura, tanto na Antigüidade como na época contemporânea, a análise dos gêneros sempre esteve orientada para o ângulo artístico-literário, ou seja, para as distinções intergenéricas dentro dos limites da literatura, sendo os gêneros considerados apartados da vida social, e não como *formas discursivas* que se distinguem dos gêneros de outras esferas sócio-ideológicas, mas que mantêm com eles uma natureza comum, a sua *natureza verbal* (a natureza sócio-ideológica e dialógica). A mesma análise o autor faz a respeito do estudo dos gêneros no âmbito da Retórica. Embora tenha sido dada maior atenção à *natureza verbal* dos gêneros, como a atitude face ao interlocutor e sua influência na construção do enunciado, novamente, o estudo dentro dos limites de uma dada esfera encobriu a natureza comum dos gêneros. Por fim, comenta ainda os estudos dos gêneros cotidianos na Lingüística, elaborados a partir de diferentes fundamentações teóricas. Mesmo neste caso, a natureza comum dos gêneros permaneceu intocada, pois os estudos ficaram restritos aos gêneros cotidianos, tomando-se por modelo de análise, muitas vezes, enunciados “intencionalmente primitivos”, como nos estudos dos behavioristas norte-americanos. A limitação dos estudos dos gêneros pode ter se originado, segundo o autor, devido à diversidade e à heterogeneidade dos gêneros, resultantes da diversidade ideológica das diferentes esferas sociais da comunicação, que poderia fazer crer que essas características diversas e heterogêneas dos gêneros converteriam os seus traços comuns em algo abstrato e vazio de significado.

Apesar do inacabamento formal (o que não pode ser deixado de levar em conta na sua leitura) do texto *El problema de los géneros discursivos*, nele percebe-se o esforço teórico de Bakhtin em discutir a concepção, o lugar e o papel dos gêneros na sua teoria, articulando-os a sua noção de enunciado. Nesse texto, a nomenclatura é menos flutuante, tendo-se a opção mais explícita pela expressão *gênero do discurso/gêneros discursivos* (embora outros termos possam ser encontrados, tais como *formas genéricas dos enunciados, formas típicas dos enunciados, formas relativamente estáveis e normativas do enunciado, formas discursivas*, que muitas vezes funcionam também como meio de delimitação da noção de gênero).

Assim sendo, como Bakhtin concebe os gêneros do discurso? Uma primeira observação é a de que a abordagem do autor concretiza-se pelo ângulo sócio-histórico, articulando as dimensões histórica e normativa dos gêneros e enfatizando a sua relativa estabilidade (a relação entre o dado e o novo). Uma segunda, decorrente da primeira e já mencionada anteriormente, é a de que o seu conceito de gênero não se limita àquelas *formas de discurso social* que alcançaram uma determinada valoração ideológica (aquelas que são objeto de estudo da Poética e da Retórica), justamente porque concebe o gênero como uma forma concreta e histórica, necessariamente presente em todas as manifestações discursivas, uma vez que o discurso materializa-se na forma de enunciados, que são sempre construídos em determinados gêneros.

O autor define os gêneros como *tipos* de enunciados, relativamente estáveis e normativos, que estão vinculados a situações *típicas* da comunicação social. Essa é a natureza verbal comum dos gêneros a que o autor se refere: a relação intrínseca dos gêneros com os enunciados (e não com uma dimensão lingüística e/ou formal propriamente dita, desvinculada da atividade social, que excluiria a abordagem de cunho social dos gêneros); isto é, a natureza sócio-ideológica e discursiva dos gêneros. Como *tipos temáticos, estilísticos e composicionais* dos enunciados individuais, os gêneros se constituem historicamente a partir de novas situações de interação verbal (ou outro material semiótico) da vida social que vão (relativamente) se estabilizando, no interior das diferentes esferas sociais. Dessa forma, os gêneros estão ligados às situações sociais da interação: qualquer mudança nessa interação gerará mudanças no gênero. O autor enfatiza a relativa estabilização dos gêneros e a sua ligação com a atividade humana. Em síntese, os gêneros estão vinculados à situação social de interação e, por isso, como os enunciados individuais, são constituídos de duas partes inextricáveis, a sua dimensão lingüístico-textual e a sua dimensão social: cada gênero está vinculado a uma situação social de interação *típica*, dentro de uma esfera social; tem sua finalidade discursiva, sua própria concepção de autor e destinatário.

Em contrapartida, uma vez que se tem a constituição do gênero, este exerce, em retorno, um efeito normativo sobre as interações verbais (ou não verbais). Por isso que se pode dizer que para Bakhtin os gêneros também são formas de ação: na interação, eles funcionam como índices de referência para a construção dos enunciados, pois balizam o autor no processo discursivo, e como horizonte de expectativas para o interlocutor, no processo de compreensão e interpretação do enunciado (a construção da reação-resposta ativa). Desse modo,

para a interação, é necessário tanto o domínio das formas da língua quanto o das *formas do discurso*, isto é, o domínio dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1985b, p. 269-270).

Se o autor conceitua os gêneros como *tipos* relativamente estáveis de enunciados, para entender essa relação é preciso compreender o que é o enunciado para o círculo bakhtiniano. Para Bakhtin (1985b), o enunciado é a unidade concreta e real da comunicação discursiva, uma vez que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da atividade e comunicação humanas. Cada enunciado, dessa forma, constitui-se em um novo acontecimento, um evento único e irrepitível da comunicação discursiva. Ele não pode ser repetido, mas somente citado, pois, nesse caso, constitui-se como um novo acontecimento. Mas é também como elemento inalienável que o enunciado representa apenas um elo na cadeia complexa e contínua da comunicação discursiva, mantendo relações dialógicas com os outros enunciados: ele já nasce como resposta a outros enunciados (surge como sua réplica) e mantém no seu horizonte os enunciados que o seguem (todo enunciado está orientado para a reação-resposta ativa do(s) outro(s) participante(s) da interação).

Quanto à constituição do enunciado, ele é composto não só de uma dimensão verbal, o seu material semiótico e a organização desse material em um conjunto coerente de signos (a organização textual), mas também de uma dimensão social, a sua situação de interação, que inclui o tempo e o espaço históricos, os participantes sociais da interação e a sua orientação valorativa (BAKHTIN [VOLOSHINOV], 1981, 1993). Desse modo, considerando-se a dimensão social como parte constitutiva do enunciado, este tem e autor e destinatário, tem uma finalidade discursiva, está ligado a uma situação de interação, dentro de uma dada esfera social, entre outros aspectos. A situação de interação não é um elemento externo (contextual); ela se integra ao enunciado, constituindo-se como uma das suas dimensões constitutivas, indispensável para a compreensão do sentido do enunciado.

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme,

sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante. (BAKHTIN, 1993, p. 46)

A partir dessa concepção de enunciado, Bakhtin (1985b) estabelece a diferença entre o enunciado e a oração. Destaca que o enunciado é uma unidade do discurso, é concreto, enquanto a oração é uma unidade convencional da língua (sistema), um elemento abstrato. Além disso, o enunciado é uma unidade de sentido diante da qual se pode tomar uma atitude responsiva, relaciona-se com a realidade extra-verbal (a situação de interação); a oração não tem plenitude de sentido, não determina por si só uma atitude responsiva, não tem contato com a realidade extra-verbal; ela relaciona-se, no contexto verbal, com outras orações etc. Quando a oração apresenta os atributos de um enunciado já não se trata mais de uma oração, mas de um enunciado composto lingüisticamente de uma única oração.

Já na distinção que o autor estabelece entre o enunciado e o texto, pode-se dizer que a fronteira está no recorte de análise, podendo-se correlacionar essa diferença com aquela que Bakhtin levanta no livro *Problemas da poética Dostoiévski* (1997a)⁶ para a distinção entre língua (sistema) e discurso: “[...] temos em vista o *discurso*, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso.” (BAKHTIN, 1997a, p. 181). Para o autor, na língua vista como objeto da Lingüística,⁷ não há e nem pode haver quaisquer relações dialógicas (dialogismo), pois estas são impossíveis entre os elementos no sistema da língua (entre os morfemas, entre as palavras no dicionário, entre as orações etc.) ou entre os elementos do “texto” e mesmo entre os textos num enfoque “rigorosamente lingüístico”. Para o estudo das relações dialógicas, do enunciado, dos gêneros e de outros aspectos que ultrapassam os limites do objeto da Lingüística, Bakhtin propõe a constituição de um novo grupo de disciplinas, denominado de Metalingüística (translingüística). Do seu ponto de vista, “a lingüística e a metalingüística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente, mas não fundir-se” (BAKHTIN, 1997a, p. 181).

⁶ Publicado pela primeira vez em 1929. A segunda edição, revista pelo autor, é de 1960.

⁷ É preciso lembrar que Bakhtin está falando dos estudos lingüísticos da sua época.

É em *El problema del texto en la lingüística, la filología y otras ciencias humanas: ensayo de análisis filosófico* (1985c) e *De los apuntes de 1970-1971* (1985d), ambos manuscritos inacabados publicados após a sua morte, que Bakhtin desenvolve mais explicitamente as noções distintivas entre texto e enunciado. Para o autor, “el enunciado como una totalidad no puede ser definido en términos de la lingüística o de la semiótica. El término *texto* no corresponde en absoluto a la esencia de un enunciado entero” (BAKHTIN, 1985c, p. 357). Assim, concretiza-se o estudo do enunciado ou do seu gênero quando estes são vistos na sua integridade concreta e viva, ou seja, ao se considerarem os seus aspectos sociais constitutivos. Ao se abstraírem esses aspectos, elabora-se o estudo do texto, da sua organização composicional, numa visão lingüístico-textual imanente (voltarei a essa diferenciação na próxima seção).

La lingüística se enfrenta al texto, no a la obra.⁸ Aquello que la lingüística enuncia sobre la obra se aporta ilícitamente y no es consecuencia de un análisis estrictamente lingüístico. [...] Si simplificamos un poco, se podría decir que las relaciones exclusivamente lingüísticas (o sea, el objeto de la lingüística) representan relaciones entre los signos en los límites de la lengua o de **un texto (esto es, se trata de relaciones sistémicas o lineares entre los signos)**. Los nexos que se establecen entre los enunciados y la realidad, entre el enunciado y el sujeto hablante real y entre el enunciado y otros enunciados reales [...], nunca pueden llegar a ser objeto de la lingüística. Los signos separados, los sistemas lingüísticos o **el texto en tanto que unidad signica** nunca pueden ser verdaderos ni falsos ni bellos, etcétera. (BAKHTIN, 1985c, p. 315-316, grifos meus)

É interessante observar que se, no caso dos gêneros do discurso, o autor, em um dado momento, opta pelo termo já existente (mas ressignificando-o), no caso da *língua* e do *texto*, o autor opta pela conceituação de novos termos, *discurso* e *enunciado*, embora também em algumas ocasiões faça uso daqueles com o sentido de discurso⁹ e enunciado.¹⁰ Essa divisão teórico-metodológica,

⁸ Obra no sentido de enunciado: “El autor de una obra literaria (una novela) crea una obra discursiva única y total, es decir, el enunciado.” (Bakhtin, 1985c, p. 307).

⁹ Segue um exemplo do uso do termo *língua* no sentido de discurso: “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações.” (BAKHTIN [VOLOSHINOV], 1988, p. 123, grifos do autor).

¹⁰ Talvez aqui esteja um dos problemas no estudo e na compreensão do trabalho de Bakhtin, pois, no nosso contexto acadêmico, o termo *enunciado* nos remete a outras conceituações (é a problemática do já-dito e da formação social da nossa cognição).

resultado do recorte do analista, pode ser sintetizada como *língua-discurso* e *língua-sistema*, *texto-enunciado* e *texto-sistema* (RODRIGUES, 2001).

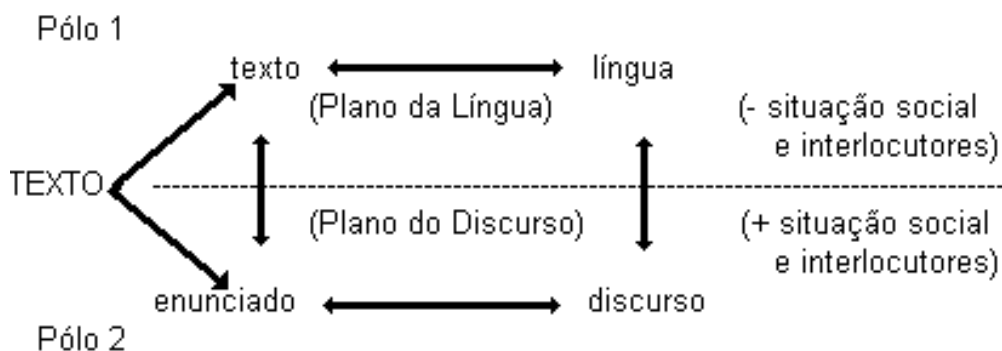


Figura 1 - Relação entre texto e enunciado, língua e discurso.¹¹

Como já comentado anteriormente, Bakhtin não elabora uma tipologia dos gêneros. Apenas faz a distinção, que considera importante, entre o que denomina de gêneros primários e secundários, que, segundo suas palavras, não está apoiada em critérios funcionais (“sobre todo hay que prestar atención a la diferencia, sumamente importante, entre gêneros discursivos primarios (simples) e secundarios (complejos); tal diferencia nos es funcional” (BAKHTIN, 1985b, p. 250)). De acordo com o autor, os gêneros primários se constituem na comunicação discursiva imediata, no âmbito da ideologia do cotidiano (as ideologias não formalizadas e sistematizadas). Os gêneros secundários surgem nas condições da comunicação cultural mais “complexa”, no âmbito das ideologias formalizadas e especializadas, que, uma vez constituídas, “medeiam” as interações sociais: na comunicação artística, científica, religiosa, jornalística etc. Da análise do pensamento do autor, depreende-se que a unidade de fundamento da diferenciação é histórica, assentada na concepção sócio-ideológica da linguagem. Daí a compreensão de que o termo *tipo*, usado na conceituação dos gêneros, não se refere aos resultados de uma classificação teórico-abstrata, ou a uma visão textual/formal dos gêneros, mas ao caráter sócio-histórico do processo de constituição e de funcionamento dos enunciados e dos gêneros.

¹¹ Fonte: RODRIGUES, R. H. A constituição e o funcionamento do artigo jornalístico: cronotopo e dialogismo, 2001, p. 63.

3 QUESTÕES METODOLÓGICAS: CONSIDERAÇÕES PARA A ANÁLISE DE GÊNEROS

Em *El problema del texto en la lingüística, la filología y otras ciencias humanas: ensayo de análisis filosófico*, Bakhtin diz que o texto é o dado primário, o ponto de partida para as diferentes disciplinas nas ciências humanas. O estudo do homem (social) e da sua linguagem somente pode se efetuar por meio dos textos concretos que ele criou, pois a constituição social do homem e da sua linguagem é mediada pelo texto: suas idéias, seus pontos de vista se concretizam somente na forma de textos (verbais ou não). Essa concepção do autor reafirma a sua posição da relação constitutiva entre linguagem e ideologia. Onde há ideologia há signo e onde há signo há ideologia: tudo o que é ideológico se “encarna” em algum material semiótico; a linguagem “reflete” a ideologia.

Segundo o autor, partindo do dado primário, o texto, essas disciplinas tomam diferentes rumos, efetuam “recortes” variados. No caso das disciplinas da linguagem, a partir do texto, material concreto, elas podem se orientar para o estudo do discurso (língua-discurso), do enunciado (texto-enunciado), das relações dialógicas, dos gêneros etc. (Pólo 2, na Figura 1, apresentada na seção anterior); ou podem direcionar-se para o estudo da língua, do texto etc., abstraindo certos aspectos da vida concreta do discurso, até chegar aos limites do apagamento do homem social, tendo como objeto, por exemplo, já não mais uma língua concreta, mas uma *potencial língua das línguas* (objetivismo abstrato); a *palavra* é vista de modo objetual (Pólo 1, na Figura 1). Essas diferentes direções teórico-metodológicas podem ser relacionadas com a diferença estabelecida pelo autor entre a Lingüística e a Metalingüística, discutida na seção anterior.

No texto *El problema de los géneros discursivos*, o autor observa que o estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros das diferentes esferas sociais tem uma enorme importância para quase todas as áreas de estudo da Lingüística e da Filologia, pois toda investigação acerca de um material lingüístico concreto (história da língua, gramática normativa, criação de dicionários etc.) inevitavelmente tem a ver com enunciados concretos, relacionados com diferentes esferas da atividade e da comunicação humanas.

Finalmente, quando o homem é estudado fora dos textos e independente dos textos, para Bakhtin, já não se trata mais de ciências humanas, mas de anatomia e fisiologia humanas, por exemplo.

Partiendo de un texto, todos ellos adoptan direcciones varias, recortan trozos heterogéneos de la naturaleza, de la vida social, de la psiquis, de la historia, uniéndolos mediante relaciones de sentido o causales, mezclando evaluaciones con constancia de los hechos. Es necesario pasar del señalamiento del objeto real a una nítida delimitación de los objetos de una investigación científica. El objeto real es el hombre social que habla y se expresa también con otros medios. No hay posibilidad de llegar a él y a su vida [...] sino a través de los textos sígnicos creados o por crear. Hay que se cuestionar si se puede estudiar al hombre como un fenómeno de la naturaleza, como cosa. (BAKHTIN, 1985c, p. 305)

Nesse contexto, o autor estabelece uma diferenciação entre as ciências matemáticas e naturais e as ciências humanas. Naquelas, embora o cientista se defronte com a *palavra* do outro, uma vez que o nosso discurso é constitutivamente dialógico (há o discurso dos predecessores, o “cálculo” da reação-resposta ativa dos interlocutores), o outro e o seu discurso relacionam-se mais ao processo do trabalho, uma vez que essas ciências não têm como objeto de investigação o homem social e a sua *palavra*. Já nas ciências humanas, o objeto de investigação é justamente o homem (social) e a sua linguagem.

A compreensão da natureza das ciências humanas e a postulação de que todo ato de compreensão é dialógico põem em jogo a postura do pesquisador dessas disciplinas. Tendo como objeto de investigação o homem e a sua *palavra*, ele passa a ser participante desse diálogo, embora em um outro *nível*. Ou seja, como no caso da microfísica, ele não está situado fora do seu objeto, mas faz parte do objeto observado, pois o estudo torna-se interrogação e interpretação, em suma, *diálogo*. Sempre há um ato dialógico para com o objeto: “No preguntamos a la naturaleza, y la naturaleza no nos contesta. Nos preguntamos a nosotros mismos y organizamos de una manera determinada la observación o el experimento para obtener la respuesta. Estudiando al hombre, en todas partes buscamos y encontramos signos y tratamos de comprender su significado” (BAKHTIN, 1985c, p. 305).

Todas essas questões de ordem teórico-metodológica problematizam a investigação dos gêneros do discurso. Em muitas pesquisas, pode-se dizer que o gênero não se constitui como o objeto de investigação, mas funciona antes como critério para a delimitação dos dados de pesquisa: por exemplo, pesquisas como o estudo dos tempos verbais no gênero notícia. Nesse caso, embora as concepções

de enunciado e do gênero sejam importantes para esse estudo e os resultados da pesquisa possam trazer dados de funcionamento de determinado aspecto da língua naquele gênero, ela não tem como foco de investigação central o próprio gênero ou o leva em consideração no seu desenvolvimento.

Inclusive a concepção de que sejam os dados acaba sendo problematizada, pois eles não esgotam o objeto em estudo. Além do mais, eles são *articulados* pelo pesquisador, concebendo-se os resultados como uma interpretação relativamente acabada, construída a partir de determinados dados, sob uma determinada concepção teórica, em um determinado momento histórico.

Assim, como delimitar o enunciado e o gênero como objetos de investigação? Primeiro, é preciso observar que a noção de enunciado de Bakhtin difere da de outras teorias, como a da Lingüística Textual (o texto como conjunto coerente de enunciados) e a da Teoria da Enunciação (enunciado como a manifestação concreta da frase). Seu sentido não é o de proposição, frase enunciada, que se constituiria em trechos textuais enunciados, mas de uma unidade mais complexa que “ultrapassa” os limites do próprio texto, quando se considera este apenas do ponto de vista da língua e da sua organização textual (o texto visto de modo imanente, apartado das relações sociais; um estudo do texto a partir do Pólo 1, na Figura 1). Assim, são exemplos de enunciados os romances, as cartas, as crônicas, as notícias etc. Como discutido na seção anterior, o todo do enunciado se constitui como tal a partir de elementos extralingüísticos (dialógicos) e está vinculado com outros enunciados em uma dada esfera social. Quando a totalidade do enunciado sai da visão do analista, o enunciado deixa de existir para este, segundo Bakhtin.

Sólo el enunciado es el que posee una actitud *inmediata* hacia la realidad y hacia el hablante real (sujeto). En la lengua existen tan sólo las posibilidades potenciales (esquemas) de estas actitudes (las formas pronominales, temporales y modales, los recursos léxicos, etc.). Pero el enunciado se determina no tan sólo por su actitud hacia el objeto y hacia el sujeto hablante o autor (y por su actitud hacia la lengua como sistema de posibilidades, como dación), sino también directamente hacia otros enunciados en los límites de una esfera de comunicación dada (y esto nos importa más que cualquier otro aspecto). El enunciado no existe *realmente* fuera de esta actitud (sólo existe en tanto que *texto*). Tan sólo un enunciado puede ser correcto o incorrecto, verdadero, auténtico, falso, bello, justo, etcétera. (BAKHTIN, 1985c, p. 314)

A postura de que uma abordagem metodológica de cunho lingüístico ou apenas textual não dá conta da análise dos enunciados e dos gêneros, tal como conceituados na sua teoria, também é discutida em outros trabalhos, como se pode observar nas duas citações a seguir:

Na linguagem, enquanto objeto da lingüística, não há e nem pode haver quaisquer relações dialógicas: estas são impossíveis entre os elementos no sistema da língua (por exemplo, entre as palavras no dicionário, entre os morfemas, etc.) ou entre os elementos do “texto” num enfoque rigorosamente lingüístico deste. Elas tampouco podem existir entre as unidades de um nível nem entre as unidades de diversos níveis. Não podem existir, evidentemente, entre as unidades sintáticas, por exemplo, entre as orações vistas de uma perspectiva rigorosamente lingüística.

Não pode haver relações dialógicas tampouco entre os textos, vistos também sob uma perspectiva rigorosamente lingüística. Qualquer confronto puramente lingüístico ou grupamento de quaisquer textos abstrai forçosamente todas as relações dialógicas entre eles enquanto enunciados integrais. (BAKHTIN, 1997a, p. 182, grifos meus)

A estrutura da enunciação [enunciado] completa é algo cujo estudo a lingüística deixa para outras disciplinas: a retórica e a poética.¹² Ela própria é incapaz de abordar as formas de composição do todo. [...] Existe um abismo entre a sintaxe e os problemas de composição do discurso. Isso é totalmente inevitável, pois **as formas que constituem uma enunciação [enunciado] completa só podem ser percebidas e compreendidas quando relacionadas com outras enunciações [enunciados] completas pertencentes a um mesmo e único domínio ideológico.** [...] **Se encerrarmos a obra literária na unicidade da língua como sistema, se a estudarmos como um monumento lingüístico, destruiremos o acesso a suas formas como formas da literatura como um todo.** Existe um abismo entre as duas abordagens: a que refere a obra ao sistema lingüístico e aquela que se refere à unicidade concreta da vida literária. (BAKHTIN [VOLOSHINOV], 1988, p. 104-105, grifos meus)

Na perspectiva teórico-metodológica bakhtiniana, uma pesquisa sobre um determinado gênero não pode ser simplesmente vista como uma elaboração de uma “descrição” desse gênero, procedimento mais próprio das ciências naturais. Essa postura implica um apagamento do caráter dialógico da linguagem,

¹² Aqui, em especial, o autor está discutindo o objetivismo abstrato.

da questão do objeto de pesquisa nas ciências humanas, da problemática da relação do pesquisador com os dados e da própria noção do que sejam os gêneros: a sua dimensão social constitutiva, a sua plasticidade e a sua relativa estabilidade e normatividade. Uma vez que o uso da expressão “descrição de gênero” tornou-se corrente nos estudos de gênero na atualidade, e o que se faz nessas pesquisas é, de fato, um trabalho de interpretação dos dados, não é irrelevante a redefinição de que o que se realiza efetivamente é uma “descrição interpretativa” dos gêneros.

Em relação à metodologia de pesquisa, a mesma orientação explicitada por Bakhtin para o estudo da mudança das formas da língua aplica-se à análise dos gêneros. Segundo o autor, a ordem metodológica para o estudo da língua no âmbito de uma orientação de base sócio-histórica parte da dimensão social para as formas da língua, pois não se pode dissociar o signo da comunicação social; o processo de mudança nas formas da língua “reflete” esse percurso:

- a) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza. [estudo das esferas sociais e das suas situações de interação].
- b) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos de fala [gêneros do discurso] na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal [estudo dos enunciados, em ligação com os seus gêneros, da esfera cotidiana e das ideologias formalizadas].
- c) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual (BAKHTIN [VOLOSHINOV], 1988, p. 124).

Quando Bakhtin salienta que o texto é o dado primário, o ponto de partida para o estudo do homem e da sua linguagem, em um primeiro momento parece haver uma certa contradição com esse percurso metodológico. Entretanto, não é o caso. Primeiro, porque o autor concebe, nesse caso, o texto como enunciado, indo para fora do limites da materialidade lingüístico-textual, incluindo o primeiro e o segundo passos, de certo modo. Em segundo lugar, compreendemos que

essa postura significa que, a partir de determinados dados, no caso da análise do enunciado e do gênero, o que se faz é buscar reconstruir este caminho metodológico, refazer os passos anteriores. Isso significa, para o pesquisador, “esquecer” o que já sabe e ver e analisar esse processo com outros olhos.¹³ Ao modo bakhtiniano, seria olhar esse já-conhecido através de um olhar de estranhamento.

Essa orientação metodológica aponta para uma outra problemática, a postulação prévia das categorias de análise, na maioria das vezes oriundas da Lingüística (imaneente). A análise do gênero que se limita à verificação da presença ou ausência dessas categorias previamente estabelecidas mostra uma submissão decorrente do gesto de aplicação das teorias lingüísticas hegemônicas. Para Bakhtin, o enunciado não se presta a uma definição mediante métodos dessa Lingüística, pois nenhuma de suas categorias convém para o seu estudo. Elas são somente aplicáveis para os estudos no interior do enunciado. Em outras palavras, para aqueles estudos que, partindo do texto, vão em direção aos aspectos da *língua-sistema*, do *texto-sistema*. Segundo o autor, se na análise ficarmos nos limites das categorias gramaticais, não chegaremos ao estudo do enunciado, pois “as categorias da língua puxam-nos obstinadamente da enunciação [enunciado] e de sua estrutura para o sistema abstrato da língua.” (BAKHTIN [VOLOSHINOV], 1988, p. 141). Elas se prestariam melhor como uma terminologia básica, uma vez que, no estudo do enunciado, não se trata de observar elementos (unidades) da língua que se tornaram elementos do texto, mas de elementos do enunciado que permanecem inacessíveis a todas as categorizações ou determinações lingüísticas.

¿Acaso debemos percibir las palabras en una obra literaria precisamente como palabras, o sea en su determinismo lingüístico; acaso debemos sentir una forma morfológica justamente como tal, una forma sintáctica como sintáctica, una serie semántica como semántica? ¿Acaso la totalidad de una obra literaria en lo esencial viene a ser una totalidad verbal? Desde luego, debe ser estudiada como totalidad verbal, y es tarea del lingüista; pero la totalidad verbal percibida como tal, ya por este mismo hecho no es artística. (BAKHTIN, 1985a, p. 169)

¹³ Agradeço à professora Maria Marta Furlanetto, que fez essa leitura da noção de reconstrução dos passos da ordem metodológica.

Um exemplo desse “olhar” diferenciado é retirado da obra de Bakhtin (1997a): “A vida é boa.” “A vida não é boa.” Para o autor, estamos diante de dois juízos revestidos de determinada forma lógica e um conteúdo concreto-semântico. Entre eles há uma relação lógica: um é a negação do outro, mas não há relações dialógicas. Só podemos considerar que há relações dialógicas se esses dois juízos forem considerados como a posição valorativa de dois sujeitos discursivos, ou seja, se forem dois enunciados. Nesse caso, a negação deixa de ser vista como uma relação lógica para ser um lugar, um meio de manifestação das relações dialógicas.

Um outro exemplo dessa problemática pode ser apresentado a partir do estudo da modalização, que tem despertado o interesse de lógicos e lingüistas e que tem sua origem na lógica modal. De um modo geral, nesses estudos, a modalização na linguagem pressupõe a distinção, no enunciado (proposição, frase), de um dito (conteúdo proposicional) e de uma modalidade, distinguindo-se os seguintes tipos de modalidades: aléticas (referentes ao eixo da existência, determinando o valor de verdade do conteúdo das proposições), epistêmicas (que se referem ao saber, à crença de um estado de coisas) e deônticas (que se referem ao âmbito da conduta, das normas). Os indicadores modais são considerados como a “lexicalização” dessas modalidades, como “sinalizadores” lingüísticos da atitude do falante com respeito ao conteúdo, ou seja, com o *dictum*: “É certo que choveu.”; “É preciso que tu partas.”. Essa é a visão mais geral a respeito da modalização, estudada nos limites da frase ou do texto.

Em meu estudo do gênero artigo (da esfera jornalística) a partir da teoria bakhtiniana (RODRIGUES, 2001), os índices modais no enunciado (agora no sentido bakhtiniano) são “traços” da projeção que o articulista faz da reação-resposta ativa do leitor, manifestando as relações dialógicas que atravessam o enunciado (artigo). Através dos indicadores modais percebe-se a relação dialógica orientada para o leitor. Eles projetam uma antecipação de suas possíveis contestações, indagações (enunciados pré-figurados), tendo-se a presença do discurso bivocal no enunciado do articulista, conforme Exemplo 1. O modalizador destacado constitui-se como “pista” de um diálogo não desenvolvido, que poderia ser reconstruído como tal (ver Exemplo 1’).

(1) É certo que, do outro lado do Atlântico, Clinton fez um discurso não menos eufórico sobre o Estado da União, como se a América tivesse resolvido,

durante seus mandatos, todos os problemas – os seus e os dos outros – e só lhe faltasse agora recolher a sagração universal. Está longe de ser o caso. (RODRIGUES, 2001, p. 220)

(1') – A crise está a generalizar-se inexorável e perigosamente, da Ásia à América Latina ... [articulista]

Mas Clinton fez um discurso eufórico sobre o Estado da União ... [leitor]

Sim, é certo que Clinton fez um discurso sobre [...]. Está longe de ser o caso. [articulista] (RODRIGUES, 2001, p. 221)

Além de sinalizarem uma possível reação-resposta do leitor, abafando uma contra-argumentação (réplica) não desejada, eles mostram um outro modo de persuasão do leitor, funcionando como um lugar da sua interpelação, objetivando orientar a sua reação-resposta, verbal ou não, imediata ou retardada (ver Exemplo 2). Esse é uma das funções discursivas centrais da modalização no gênero artigo. Portanto, o olhar para a modalização e os indicadores modais é outra, pois são vistos a partir do enunciado e das suas relações dialógicas, mantendo-se somente dos estudos da Lógica e da Lingüística a nomenclatura.

(2) No momento em que o Brasil enfrenta dificuldades, oriundas do quadro internacional e do próprio atraso nos ajustes internos, especialmente a reforma constitucional, é preciso que todos ofereçam sua contribuição concreta para que seja um país melhor. (RODRIGUES, 2001, p. 222)

Em resumo, muitas vezes o gênero acaba funcionando mais como critério de delimitação de dados de pesquisa do que sendo realmente o objeto de estudo, pois aquilo que é a “essência” do gênero, aquilo que faz de um texto um enunciado, que vislumbra fronteiras entre tipo de texto e gênero do discurso acaba não sendo abarcado pela análise. Também, além do problema das categorias lingüísticas, pode faltar aquele olhar de estranhamento, de busca da apreensão do que é próprio do gênero em estudo quando se parte para a análise a partir do estabelecimento de categorias prévias.

Um outro ponto a ser levantado refere-se às análises de gênero que tomam como foco central de pesquisa a organização textual do enunciado. Embora tenham no horizonte a situação social, ela antes aparece como um elemento envolvente do que como a dimensão primeira e central para a identificação e o estudo do gênero. Se o olhar para a dimensão verbal pode ser suficiente para a identificação dos gêneros mais estabilizados, já não o é para aqueles menos

estabilizados e ainda para os com finalidades ideológico-discursivas próximas (por exemplo, o editorial e o artigo no jornalismo). Além disso, tem-se a problemática dos gêneros intercalados, discutida por Bakhtin. Como os gêneros são plásticos, mais ágeis às mudanças do que as formas da língua e apenas relativamente estáveis, eles facilmente se submetem a uma reacentuação, têm a capacidade de no seu funcionamento introduzir outros gêneros, que, nesse processo, são chamados de gêneros intercalados (uma carta, um telefonema no romance, por exemplo). Na intercalação de gêneros, muitas vezes estes se “alargam” por todo o enunciado que os intercalou (um romance na forma de carta, de diário, o poema na forma de receita culinária, o artigo jornalístico na forma de carta, os enunciados da esfera da propaganda, que “parasitam” outros gêneros e assim por diante). Nessas situações, observa-se que é a vinculação desses textos a uma dada situação de interação que faz deles enunciados e nos indica o seu gênero. Fora da situação de interação (chamada por alguns pesquisadores de espaço de circulação), perde-se a dimensão do enunciado e do gênero: o que era irônico pode ser visto como sério, o gênero pode ser outro, já não se pode mais tomar uma atitude responsiva, pois falta o “acabamento” do enunciado. Assim, a situação de interação é o critério primeiro e central para o estudo dos gêneros.

A investigação dos gêneros a partir da teoria bakhtiniana toma o caminho metodológico proposto por Bakhtin como princípio norteador da pesquisa. Por exemplo, na descrição interpretativa do gênero resenha científica, o primeiro passo de pesquisa é analisar o papel da esfera da comunicação científica no conjunto da vida social. O segundo é analisar a situação de interação desse gênero: qual o autor previsto, qual a concepção de interlocutor, qual a sua finalidade ideológico-discursiva, como se dá a sua orientação para o seu objeto do discurso; qual o seu acento de valor? Esses aspectos englobam a análise da dimensão social do gênero. O terceiro passo, articulado aos anteriores, é buscar ver o modo de funcionamento do gênero na sua dimensão verbal. Aquilo que é a regularidade do gênero nessa dimensão, que pode ser mais menos estável e “visível”, vai se construindo durante a análise.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de uma certa variação terminológica, resultado do processo de reflexão teórica de Bakhtin, e também da problemática das traduções, observa-se, no conjunto da teoria do autor, uma unidade conceitual no tratamento dos gêneros do discurso. Em síntese, mesmo optando pelo uso de um termo já consagrado nos estudos da Literatura e da Retórica, ressignifica-o no seu trabalho, buscando compreender o processo de constituição e de funcionamento dos gêneros no curso das relações sociais, articulando-os com a sua noção de enunciado. Tirando-os de uma visão formalista e inserindo-os no meio social, e a partir da noção da relação dialética entre linguagem e ideologia, vê os gêneros como o lugar da manifestação da ideologia, considerando-os como formas de visão sobre o mundo. Destaca ainda a sua relativa estabilidade, a plasticidade, a sua capacidade de reacentuação, de intercalação.

Nas questões metodológicas, discutiu-se o processo de estudo dos gêneros a partir de uma visão sócio-discursiva, focalizando: a relação dialógica do pesquisador com os dados; o caminho metodológico para a investigação dos gêneros; a situação de interação, no seio da esfera social onde se encontra inserida, como o lugar da apreensão do enunciado e do gênero e, portanto, também a “porta de entrada” para o estudo dos gêneros; e a problemática das categorias prévias de análise.

Salientou-se ainda a compreensão dos termos *tipo* e *forma*, usados por Bakhtin na definição dos gêneros no texto *El problema de los géneros discursivos*, a partir da visão que lhes deu o autor, no conjunto dos seus trabalhos. Entretanto, reconhece-se que o recorte dessa definição, apartada da visão de conjunto da teoria, gera certos reducionismos, olhando-se a constituição dos gêneros a partir da sua forma textual. Mas essa já é uma outra questão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. Autor y personaje en la actividad estética [1985a]. In.: _____. **Estética de la creación verbal**. Tradução do russo por Tatiana Bubnova. 2. ed. México: Siglo Veintiuno, 1985. p. 13-190.

_____. El problema de los géneros discursivos [1985b]. In.: _____. **Estética de la creación verbal**. Tradução do russo por Tatiana Bubnova. 2. ed. México: Siglo Veintiuno, 1985. p. 248-293.

_____. El problema del texto en la lingüística, la filología y otras ciencias humanas. Ensayo de análisis filosófico [1985c]. In.: _____. **Estética de la creación verbal**. Tradução do russo por Tatiana Bubnova. 2. ed. México: Siglo Veintiuno, 1985. p. 294-323.

_____. De los apuntes de 1970-1971 [1985d]. In.: _____. **Estética de la creación verbal**. Tradução do russo por Tatiana Bubnova. 2. ed. México: Siglo Veintiuno, 1985. p. 354-380.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução do russo por Aurora F. Bernadini, José P. Júnior, Augusto G. Júnior et al. 3. ed. São Paulo: Ed. Unesp/Hucitec, 1993.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997a.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução do francês por Maria Ermantina Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997b.

BAKHTIN, Mikhail [VOLOSHINOV]. Le discours dans la vie e le discours das la poésie. Contribution à une poétique sociologique. Tradução do russo por Georges Philippenko. In.: TODOROV, Tzvetan. **Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique - suivi de écrits du cercle de Bakhtine**. Paris: Éditions du Seuil, 1981. p. 181-215.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. La construcción de la enunciación. Tradução do italiano por Ariel Bignami. In.: SILVESTRI, Adriana, BLANCK, Guilherme. **Bajtín y Vigotsky: la organización semiótica de la conciencia**. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 245-276.

CASTRO, Elias Ribeiro de. O irreversível e o áporo. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Ed da Unicamp, 1997. p. 357-366.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. 2001. 347f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gênero do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D.; BONINI, A. **Gêneros textuais sob diversas perspectivas**. [inédito/ no prelo].

VOLOSINOV, V. N. **Marxism and the philosophy of language**. Traduzido do russo por Ladislav Matejka e R. Titunik. 8. ed. Cambridge, Massachusetts; London: Harvard University Press, 2000.

Recebido em 18/07/03. Aprovado em 06/02/04.

Title: Genre analysis in bakhtinian theory: some theoretical and methodological issues

Author: Rosângela Hammes Rodrigues

Abstract: After the 1990s one witnessed a significant increase in the number of research works on genres in the field of Applied Linguistics, which were favored by the consolidation of the change in the subject matter of the teaching and learning of languages, both native and foreign. In Brazil, as in other countries, Bakhtinian theoretical conceptions have gained relevance and been increasingly cited in a number of such research publications. However, many times presenting diverse effects of appropriation and interpretation. Here some theoretical and methodological issues in the genre analysis are discussed under the Bakhtinian perspective. The concept of genre and its relation to other central concepts, as ideology, enunciation, text, discourse, and language are approached. In the methodological issues the relation between the researcher and the data, the methodological "order" in the study of genres, and the use of previous analytical categories in the study of a specific genre are discussed.

Keywords: genre; genre analysis; Bakhtin.

Titre: Analyse de genres du discours dans la théorie bakhtinienne: quelques questions théoriques et méthodologiques

Auteur: Rosângela Hammes Rodrigues

Résumé: Après les années 90, on a remarqué une augmentation significative dans les recherches autour des genres du discours dans le domaine de la Linguistique Appliquée, poussées par la consolidation du changement de l'objet de l'enseignement et de l'apprentissage de langues (maternelle et étrangère). Au Brésil et dans d'autres pays, les conceptions théoriques de Bakhtin furent reprises et citées dans d'innombrables recherches, mais, plusieurs fois, avec des effets d'interprétation et d'appropriation divers. Dans ce travail, on a l'objectif de discuter quelques questions théoriques et méthodologiques des genres du discours à partir des conceptions théoriques de Bakhtin. On en vient à la conception de genre et à sa relation avec d'autres concepts centraux, tels que l'idéologie, l'énoncé, le texte, le discours et la langue. Dans les questions méthodologiques, on en vient à la relation du chercheur avec les données, l'"ordre" méthodologique dans l'étude des genres et son emploi des catégories préalables de l'analyse dans l'étude d'un genre déterminé.

Mots-clés: genres du discours; analyse du genre; Bakhtin.

Título: Análise de género del discurso en la teoría bakhtiniana: algunas cuestiones teóricas y metodológicas

Autor: Rosângela Hammes Rodrigues

Resumen: Después de la década de noventa, vimos el aumento significativo de las investigaciones alrededor de los géneros del discurso en el área de la Lingüística Aplicada, impulsadas por la consolidación del cambio de objeto de enseñanza y del aprendizaje de lenguas (materna y extranjera). En Brasil y en otros países, las concepciones teóricas de Bakhtin tiene sido retomadas y citadas por muchas de esas investigaciones, mas muchas veces, con efectos de interpretación diversos. En este trabajo, se tiene por objetivo discutir algunas cuestiones teóricas y metodológicas en el análisis de los géneros del discurso a partir de las concepciones teóricas de Bakhtin. Se

Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: ...

aborda la concepción de género y su relación con otros conceptos centrales tales como ideología, enunciado, texto, discurso y lengua. En las cuestiones metodológicas, se problematizan la relación del investigador con los datos, la "orden" metodológicas, en el estudio de los géneros y el uso de categorías previas de análisis en el estudio de un determinado género.

Palabras-clave: géneros del discurso; análisis de género; Bakhtin.